



A Educação Especial Contextualizando com a Psicologia

Larise Dayany de Santana¹; Verônica Rejane de Lima Teixeira²

Resumo: Com este artigo pretende-se levar ao conhecimento e discussão sobre esse desafio que é verdadeiramente incluir aos portadores de necessidades especiais não somente na escola mais em contexto mais amplo que é a sociedade. Sentimos a necessidade de esclarecer alguns pontos que permeiam a educação especial. E também correlacionar estudos da Pedagogia com os da Psicologia, destacando-se as obras de Jean Piaget e Sigmund Freud. Metodologicamente se fará uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas, artigos e sites especializados na temática proposta para o artigo. Objetivando melhorar a atuação dos profissionais da educação que atuam com alunos (as) portadoras de algum tipo de deficiência.

Palavras-chave- criança, escola, educação especial, pedagogia, psicologia

Special Education Contextualizing with Psychology

Abstract: This article aims to raise awareness and discuss this challenge, which is truly to include people with special needs not only in the school, but also in the broader context of society. We feel the need to clarify some points that permeate special education. And also to correlate studies of Pedagogy with those of Psychology, highlighting the works of Jean Piaget and Sigmund Freud. Methodologically, a bibliographic search will be made in books, magazines, articles, and websites specialized in the theme proposed for the article. Aiming to improve the performance of education professionals who work with students with some type of disability.

Keywords: child, school, special education, pedagogy, psychology

Introdução

Pretende-se nesse artigo, sobre a Educação Especial e sua relação com a Psicologia, objetivando proporcionar aos educadores uma melhor maneira de atuar na Educação Especial e sua contribuição para o resgate e o valor da dignidade dos estudantes usuários desse modelo

¹ Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). larisedayany@hotmail.com;

² Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). veronica.teixeira@fachusc.com

de educação. Entender como a dinâmica da Educação Especial ao contextualizar com a Psicologia podem interagir no sentido de trazer benefícios aos educandos. A relevância do artigo fica evidenciada porque cada vez mais a Educação deve ser mais inclusiva, equitativa e democrática. Como problema pode-se levantar a questão de como a Educação Especial e a sua contextualização com a Psicologia podem proporcionar aos educadores contribuições importantes no segmento de alunos e alunas que precisam desse modelo de atendimento especializado na área educacional. Ficando a pergunta fundamental: Ao contextualizar a Psicologia com a Educação Especial estamos conseguindo resgatar a dignidade dos educandos?

Sigmund Freud no campo da psicanálise e Jean Piaget na Pedagogia são dois especialistas que contribuíram para a temática proposta para o estudo – Educação Especial Contextualizada com a Psicologia que são recorrentes nas práticas cotidianas dos profissionais da educação, em especial, aqueles que trabalham na Educação Especial, Metodologia da Educação Especial e inclusiva adaptações curriculares.

A universalização do acesso as escolas ou meio da inclusão é uma ação política, cultural e social que garante o direito de todos os alunos a participarem de atividades educacionais.

Pois sabemos que a Educação Inclusiva dar-se-á através de mecanismos que irá atender a diversidade, pois os professores que trabalham com a inclusão devem reconhecer e responder as necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, usos de recursos e parceria com as comunidades, ou seja, o ensino voltado a uma inclusão digna onde os nossos alunos com deficiências tem o privilégio de exercer a sua cidadania de forma eficaz.

Enfim, a prática da inclusão escolar, segundo Mantoan (2003), pauta-se na capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes; é acolher todas as pessoas, sem exceção. É construir formas de interagir com o outro, que, uma vez incluídas, poderão ser atendidas as suas necessidades especiais.

Pelo exposto, o artigo se justifica plenamente, já que resgatar os direitos à educação especial é uma tarefa fundamental dos educadores e dos governos em suas políticas educacionais.

Os objetivos é demonstrar que atuando com consonância com as Legislações referentes à Educação Especial e os educadores e gestores de educação podem oferecer práticas educacionais que são democráticas e inclusivas, proporcionando dignidade aos usuários desse sistema educacional.

Fundamentação Teórica

Contribuições da psicologia no Contexto da Educação Especial

As Contribuições de Sigmund Freud e Jean Piaget no sentido de tornar a Educação Especial e a Psicologia ferramentas fundamentais para os educadores, atuarem com eficiência e eficácia no atendimento aos usuários desse modelo educativo.

De acordo com Kaplan e Sadock (2017: p. 151) a psicanálise foi fruto do gênio de Sigmund Freud. Ele colocou sua marca nela desde o princípio, e pode-se afirmar razoavelmente que, embora a ciência e a teoria da psicanálise tenham evoluído muito além de Freud, sua influência ainda é forte e onipresente.

A ciência da psicanálise é o alicerce do entendimento psicodinâmico e forma a estrutura de referência teórica fundamental para uma variedade de intervenções terapêuticas, compreendendo não apenas a própria psicanálise, mas várias formas de psicoterapia de orientação psicanalítica e formas relacionadas de terapia que empregam conceitos psicodinâmicos.

Atualmente é aceito que a psicanálise apresenta três aspectos cruciais: ela é uma técnica terapêutica, um conjunto de conhecimentos científicos e teóricos e um método de investigação. E muito tem contribuído para a Pedagogia no que concerne à atuação dos pedagogos na Educação Especial.

Segundo Morgado (2017) a curiosidade intelectual tão necessária ao ensino e à aprendizagem, é importante elemento constitutivo da personalidade psíquica.

A Psicologia de fato muito contribuiu para que se tenha uma Educação Especial que de fato atenda às necessidades dos educandos e isto fica bem definido ao longo do artigo quando se foca as contribuições tanto de Sigmund Freud e Jean Piaget. Jean Piaget e sua teoria educacional foi de extrema importância para que se pudesse chegar ao conceito de Educação Especial e seus avanços ao longo do tempo no processo educacional brasileiro.

De acordo com Kaplan e Sadock (2017, p. 93) Jean Piaget (1896-1980) é considerado um dos maiores pensadores do século XX. Suas contribuições para o entendimento do desenvolvimento cognitivo tiveram uma influência paradigmática na psicologia do desenvolvimento e implicações importantes para as intervenções com crianças, tanto educacionais como clínicas.

Piaget nasceu em Neuchatel, na Suíça, onde estudou e concluiu o doutorado em biologia aos 22 anos de idade. Interessando-se por psicologia estudou e realizou pesquisas em diversos

centros, incluindo Sorbonne em Paris e trabalhou com Eugene Bleuler no Hospital Psiquiátrico de Burgholzi. (KAPLAN e SADOCK, 2017).

Segundo Kaplan e Sadock (2018 p. 93) Piaget era amplamente reconhecido como renomado psicólogo infantil (ou do desenvolvimento), referia-se a si mesmo como epistemologista genético que definia a epistemologia genética como o estudo do desenvolvimento do pensamento abstrato com base em um substrato biológico ou inato. Essa autodesignação revela que seu projeto central era mais do que a articulação de uma psicologia infantil como esse termo costuma ser compreendido, mas uma narrativa do desenvolvimento do conhecimento humano. Piaget criou um sistema teórico amplo para o desenvolvimento das habilidades cognitivas; nesse sentido seu trabalho foi semelhante ao de Sigmund Freud, enfatizando, porém, a maneira como as crianças pensam e adquirem conhecimento. (KAPLAN e SADOCK, 2017)

Piaget não foi um psicólogo clínico e não desenvolveu as implicações de seu modelo cognitivo para a intervenção psicoterapêutica.

De acordo com Piaget, as seguintes capacidades para o pensamento adulto (1) sensório-motor, (2) pensamento psico-operatório, (3) operações concretas e (4) operações formais. Cada estágio é um pré-requisito para o seguinte, mas o ritmo em que diferentes crianças atravessam os diferentes estágios varia de acordo com seus dotes naturais e circunstâncias ambientais.

Deve-se ressaltar que as teorias de Piaget têm muitas implicações psiquiátricas; crianças hospitalizadas que estão no estágio sensório motor ainda não atingiram a permanência de objetos e, portanto, sofrem ansiedade de separação. Aquelas que se encontram no estágio pré-operatório, que não conseguem lidar com conceitos e abstrações, se beneficiam mais das situações e dos procedimentos médicos propostos por dramatização do que de descrições detalhadas referidas verbalmente, por exemplo, uma criança que irá receber terapia intravenosa pode ser beneficiada dramatizando o procedimento com uma seringa de brinquedo e bonecos. (KAPLAN e SADOCK, 2017) Para fazer essa conexão entre Pedagogia e Psicologia acredita-se que se deva analisar cada estágio da obra piagetiana onde se destaca quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo da criança é o que se fará a seguir.

- **o estágio sensório-motor** – A primeira fase da teoria de Piaget que vai até os 2 anos. Nessa etapa, as crianças obtêm a habilidade de administrar seus reflexos básicos para que gerem ações prazerosas e eficaz. É um período anterior à linguagem, no qual o bebê desenvolve a percepção de si mesmo e dos objetos a sua volta.
- **O estágio pré-operacional** – Acontece entre 2 aos 7 anos e se caracteriza pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio

de símbolos. A criança continua egocêntrica e ainda não é capaz de se colocar no lugar do outro.

- **O estágio das operações concretas**- Começa a partir dos 7 aos 11 ou 12 anos, tem como marca a aquisição da noção de reversibilidade das ações. Surge a lógica nos processos mentais e habilidade de discriminar os objetos por similaridades e diferenças. A criança já pode dominar conceitos de tempo e número.
- **O estágio das operações formais** - Essa fase começa a partir dos 12 anos de idade onde é marcada a entrada na fase adulta, em estímulos cognitivos. Nessa etapa o adolescente passa a ter o domínio do pensamento lógico e dedutivo, o que o habilita à experimentação mental. Isso implica, entre outras coisas, relacionar conceitos abstratos e raciocinar sobre hipóteses.

Para Piaget, se comparado à criança o adolescente é um sujeito capaz de construir teorias sobre o mundo e sobre o que ele gostaria de modificar na sociedade. Isto se torna viável em função da capacidade do adolescente de generalizar, de hipotizar, de abstrair, de refletir espontaneamente cada vez mais independente do real.

O pensamento formal é hipotético-dedutivo, que amplia seu poder e liberdade, caracterizando uma das conquistas da adolescência: a reflexão espontânea. Assim, pode raciocinar sobre vários aspectos ao mesmo tempo. Deste modo, é possível resolver complicadas equações matemáticas com variáveis e números, discutir temas filosóficos mais complexos, desenvolver análises sobre temas baseados em situações hipotéticas, realizar experimentos que exigem a relação entre diferentes variáveis e situações, etc. (XAVIER e NUNES, 2015).

Segundo Kaplan e Sadock (2017, p. 96) uma ideia central na terapia cognitiva é a de que o paciente desenvolveu certas crenças centrais, aspectos de auto esquemas e crenças de possibilidades condicionais como resultado de experiências do desenvolvimento e estes contribuem para problemas emocionais. Nesse aspecto Piaget e Freud contribuíram de maneira incisiva para entendermos como agir nas situações da Educação Especial.

Sigmund Freud (1856-1939) nasceu em Freiburg, uma pequena cidade da Morávia, que hoje faz parte da República Tcheca. Quando tinha 4 anos, seu pai um mercador de lã judeu, se mudou com a família para Viena, onde Freud passou a maior parte de sua vida. Após a faculdade de medicina, especializou-se em neurologia e estudou por um ano em Paris com Jean-Martin Charcot. Após sua formação, voltou para Viena e iniciou seu trabalho clínico com pacientes histéricas. Entre 1877 e 1897, o trabalho com essas pacientes o levou a desenvolver a psicanálise.

A ciência da psicanálise é o alicerce do entendimento psicodinâmico e forma a estrutura de referência teórica fundamental para uma variedade de intervenções terapêuticas, compreendendo não apenas a própria psicanálise, mas várias formas de psicoterapia de orientação psicanalítica e formas relacionadas de terapia que empregam conceitos psicodinâmicos.

Atualmente é aceito que a psicanálise apresenta três aspectos cruciais: ela é uma técnica terapêutica, um conjunto de conhecimentos científicos e teóricos e um método de investigação. E muito tem contribuído para a Pedagogia no que concerne à atuação dos pedagogos na Educação Especial.

De acordo com Ribeiro (2014) a relação da Psicanálise com a Educação tem seus primórdios em Sigmund Freud que observou os pontos em comuns entre ambas, ou mesmo de discordância – Freud demonstrou seu interesse pelas conexões que a Psicanálise e a Educação, poderiam vir a constituir-se entre si, a importância das ligações possíveis fornecendo, também, algumas ideias de como elas poderiam ocorrer.

A Educação Psicanálise percorre um complexo caminho, entrelaçando-se seus saberes sobre o desenvolvimento do ser humano, a relação de transferência aluno- professor ao prazer em aprender (questão do desejo), à terapêutica da Educação, à linguagem etc. Assim a Psicanálise a Psicologia como corpos técnicos – e a Educação – como discurso social – imbricaram-se em um processo de mudanças que afetou tanto uma quanto outras no que tange suas áreas de atuação. (RIBEIRO, 2014)

Segundo Morgado (2017) a curiosidade intelectual tão necessária ao ensino e à aprendizagem, é importante elemento constitutivo da personalidade psíquica.

Na área da Educação Especial Mantoan (1997, p. 17) destaca que o déficit real ocorre por “lesão orgânica devidamente causada como causa do problema”. Sendo estas que causaram limitações nas trocas entre o sujeito e o meio, ou seja, existe a dificuldade para planejar e avaliar nas ações sobre o meio, comprometendo a organização espaço temporal da criança. Considerando que a criança constrói significado através das relações que estabelece com o espaço compreende-se de que a aprendizagem do indivíduo com déficit cognitivo é comprometida, pois apresentam dificuldade em estruturar seu pensamento.

A educação especial surgiu com muitas lutas, organizações e leis favoráveis aos deficientes e a educação inclusiva começou a ganhar força a partir da Declaração de Salamanca aprovada em 1994, na Conferência Mundial de Educação Especial, passou a considerar a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais em classes regulares como a forma mais avançada de democratização das oportunidades educacionais. A Declaração de Salamanca

é considerada um dos principais documentos mundiais que visam à inclusão social. Esta defende a “educação de qualidade para Todos” tem a ver com a inclusão total, incondicional, de todos os alunos às escolas de seu bairro. A partir da aprovação deste documento, veio em seguida a constituição de 1988 e aprovação da LDB 1996.

A referência legal à educação especial de âmbito nacional, apresenta-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB n. 4024/61 que no capítulo III, reservou dois artigos, 88 e 89, para a educação do portador de deficiência. Na Constituição (1988) os direitos à educação especial foram entendidos como sendo dever do e Estado e da família, no seu art. 205. Temos ainda no Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu art.54 e 66, de forma mais específica, assegurando o direito à educação em que se faz referência as pessoas com Necessidades Educacionais e Especiais e seus direitos, não só na educação, como também no trabalho.

De acordo com Mantoan (2003, p.13) na expectativa de “o especial da educação” a inclusão é uma provocação, cuja intenção é melhorar a qualidade do ensino das escolas atingindo todos os alunos que fracassam em salas de aula. Está convicta de que todos nós, professores, sabemos que é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo fora delas e que é os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar progredir, evoluir em nossos compreendimentos. É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda caminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem, e, sendo ou não deficientes para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos problemas para outros colegas os “especializados” e, assim, não recai sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais.

De acordo com Piaget (2010, p.11) há falhas na pedagogia tradicional, excessivamente empírica, e retrata a história das tentativas mais importantes que vêm sendo feitas nesse campo há mais de meio século certamente causará grande impacto no processo educacional.

Práticas Educativas Correlacionadas com a Educação Especial e a Psicologia

Em relação a interação da Pedagogia com a Psicologia na área educacional, de acordo com Fonseca et al (2018) o psicólogo escolar, deve redirecionar as suas práticas para as demandas que emergirem desse contexto. A escola regular inclusiva especificamente a sala de aula trouxe desafios aos educadores, uma vez que o coletivo e o indivíduo passaram a ganhar

notabilidade no cotidiano escolar. Portanto o papel do psicólogo escolar é fundamental para trabalhar esses problemas que vão surgindo ao longo do contexto escolar.

Na visão do autor citado acima, a função do psicólogo escolar junto aos professores diante da Educação Especial mostra-se relevante para a comunidade escolar, sendo professores e alunos os principais beneficiados.

Portanto, vale destacar que incluir alunos com qualquer tipo de deficiência que apresente exige preparação do educador que está envolvido diretamente no processo de ensino e aprendizagem destes educandos. É preciso que os profissionais envolvidos nesse processo recebam um assessoramento de técnicos e uma formação continuada mais direcionada ao desenvolvimento da prática pedagógica, para que seja minimizada em parte a problemática encontrada no processo de inclusão, já que esses profissionais (psicólogos e professores) terão como suporte a nova filosofia proposta pela “educação para todos”.

Na visão de Werneck (1997) tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, quanto a Constituição Brasileira (1988), têm sido compreendidas por alguns estudiosos, como ferramenta de estímulo para que de fato aconteça a inclusão, isto porque ambas interpretam que o atendimento de discentes com deficiência deve ser especializado dentro das instituições de ensino pública ou particular.

É precisamos entender que no espaço escolar seja qual ele for, os alunos com deficiências precisam ser vistos por seus professores como seres únicos, dotados de capacidades e potencialidades a serem desenvolvidas e ampliadas, com vistas à superação de dificuldades inerentes as suas condições de vida.

Considerações Finais

Ao longo do artigo, ficou evidenciado que as práticas educacionais da Educação Especial contextualizando com a Psicologia revelam que quando bem trabalhada pelos especialistas em educação, não apenas revelam mudanças de paradigma incorporada pelas equipes pedagógicas. Essas ações evidenciam esforços dos educadores em ensinar tantos os alunos tidos como “normais” como aqueles que necessitam de um apoio maior para a evolução de seu aprendizado.

Como rede de apoio a Psicologia pode muito contribuir para que a Educação Especial se torne efetiva, democrática, humanista. Não se busca entender a Educação Especial como um sistema educacional paralelo ou segregado, mas como um conjunto de recursos que a escola regular deverá dispor para atender à diversidade de seus alunos.

O momento em que a Educação vive, requer o ajustamento as necessidades dos profissionais da educação às necessidades dos alunos. E o Psicólogo que atua no âmbito educativo pode sim, contribuir com os pedagogos no sentido de uma educação inclusiva, tornando todos os alunos, independentes de suas dificuldades de aprendizagem, sujeitos históricos com direito à dignidade e cidadania.

Referências

BRASIL. **Educação Especial: deficiência mental**. Org. Erenice Nathalia Soares de Carvalho. Brasília: MEC/SEEESP, 1997 (Série Atualidades Pedagógicas).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura; 1996. Disponível em: www.mec.gov.br Acesso em: 25/10/2020

FONSECA, Thais da Silva; FREITAS, Camila Siqueira C.; NEGREIROS, Fauston. Psicologia Escolar e Educação Inclusiva a Atuação Junto aos Professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**. 24(3), 427-440. Doi. 10.1590/s1413- 65382418000300008

MANTOAN, M.T.E. **Ser ou estar, eis a questão**: explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Inclusão Escolar o que é? Por quê, como fazer?** 1 ed. Moderna, 2003.

MORGADO, Maria Aparecida. **Contribuições de Freud para a Educação**. Psicologia e Educação. São Paulo: Educ, 2017

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985

RIBEIRO, Márden de Pádua. Psicologia da Educação, n. 39, São Paulo, 2014

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais ser bonzinho na Sociedade Inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997

XAVIER, A.S; NUNES, Ana Ignés Belém. **Psicologia do Desenvolvimento**. 4 ed. Revisada e Ampliada. Fortaleza-CE /UECE, 2015

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SANTANA, Larise Dayany de; TEIXEIRA, Verônica Rejane de Lima. A Educação Especial Contextualizando com a Psicologia. *Id on Line Rev.Mult. Psic.*, Fevereiro/2021, vol.15, n.54, p. 197-205. ISSN: 1981-1179.

Recebido 21/12/20;

Aceite 30/12/20.